

NOTA À NÉKUIA

Trajano Vieira
[IEL-UNICAMP]

O canto 11 da *Odisséia*, que narra a estada de Ulisses no mundo dos mortos (*Nékuia*), corresponde, de certo modo, ao canto 9 da *Iliáda*, onde Aquiles comunica aos embaixadores de Agamêmnon sua decisão de não mais lutar em Tróia. Nos dois cantos, o tema central é a morte, embora o tratamento que receba seja tão diferente, que é possível, a partir dele, notar não só a enorme distância que separa a *Iliáda* da *Odisséia*, como o diálogo que as duas obras mantêm entre si. No canto 9, Aquiles lembra aos enviados de Agamêmnon que a morte é um acontecimento secundário quando se pensa na glória imperecível. O herói luta pelo reconhecimento da própria honra e para se tornar tema de canções futuras. No canto 9 (189), surpreende-nos encontrar Aquiles desempenhando a função de poeta, isolado em seu acampamento. O que ele canta nessa ocasião é um poema nos moldes da *Iliáda*, centrado no reconhecimento da glória heróica (*kléa andrôn*). Para Aquiles, abandonar a guerra significa deixar de ser personagem da *Iliáda*. Por outro lado, aceitar a recompensa de Agamêmnon não lhe garante a recuperação da honra, já que o líder grego oferece prêmios com um único intuito: derrotar os troianos com o auxílio do melhor dos aqueus. Mesmo comunicando sua decisão de retirar-se para Ftia, Aquiles não arreda pé de Tróia. Essa mesma ameaça já havia sido formulada no canto 1 (169-70). Na verdade, Aquiles necessita de um motivo forte para voltar à guerra e ao poema, o que ocorrerá com a morte do amigo Pátroclo. Se, no início da *Iliáda*, Aquiles luta pela honra dos aqueus, no final, combate pela amizade, item importante do código heróico. Como já foi observado¹, o retorno à guerra para vingar a morte de Pátroclo,

1. Ver Jasper Griffin, *Homer, Iliad IX*, Oxford, 1995, 135-6.

que se dará somente no canto 20, é sugerido poeticamente no canto 9, através da história contada pelo velho tutor de Aquiles, Fênix, segundo a qual Meleagro aceita combater novamente depois de ouvir o pedido da esposa *Cleópatra* (*Ilíada* 9, 590-595), nome que é inversão exata de *Pátroclo* (cujo significado etimológico é “glória dos antepassados”)², por quem Aquiles volta finalmente à batalha.

As opções que Aquiles coloca são duas, de acordo com a famosa passagem (*Ilíada* 9, 412-16):

“Fico e luto em Tróia:
Não haverá retorno para mim, só glória
eterna; volto ao lar, à cara terra pátria:
perco essa glória excelsa, ganho longa vida,
tão cedo não me assalta a morte com seu termo.”

(trad. de Haroldo de Campos)

Abrir mão da primeira possibilidade significa deixar de ser personagem da *Ilíada*; adotar o segundo caminho significa tornar-se personagem da *Odisseia*. Abandonar o *kléos* (“glória”) para alcançar, através do *nostos*, a longa vida é algo de que, na verdade, Aquiles não cogita. Só por esse motivo ele não parte para Ftia, logo depois da briga com Agamêmnon no canto 1, apesar das ameaças nesse sentido. A *Odisseia* é uma obra que se insere no quadro da poesia do *nostos*, cujo sentido é “retorno”, mas que, devido à relação etimológica com *noûs*, adquire conotação diferente: o “retorno” não se reduz à questão espacial, mas envolve um processo de readaptação, através do qual o herói, depois de abandonar o código rígido de valores da *Ilíada*, reeduca seus sentidos a fim de se reintegrar no cosmos humano. A inteligência passa a ocupar o lugar da força sobre-humana. A capacidade de solucionar problemas substitui o vigor para enfrentar conflitos. A própria morte ganha sentido diferente do que tinha na *Ilíada*. O episódio que melhor fundamenta as leituras intertextuais realizadas nos últimos anos sobre a *Ilíada* e a *Odisseia* (poesia do *kléos* versus poesia do *nostos*) talvez seja o referente ao encontro entre Ulisses e Aquiles no mundo dos mortos, no canto 11 da *Odisseia*. A maneira violenta como Aquiles fala com Ulisses decorre das palavras que este lhe profere, ao recordar que, em vida, Aquiles era “honrado como um deus” entre os argivos, enquanto que, no Hades, o herói “exerce grande poder entre os mortos.” É a essa observação que Aquiles responde agressivamente (*Od.* 11, 488-491):

2. Sobre a etimologia de *Pátroclo*, ver Gregory Nagy, *The Best of the Achaeans*, Johns Hopkins UP, 1979, 102-3, 111-15.

“Ora não venhas, solerte Odisseu, consolar-me da morte,
pois preferira viver empregado em trabalhos do campo
sob um senhor sem recursos, ou mesmo de parques haveres,
a dominar deste modo nos mortos aqui consumidos”

(trad. de Carlos Alberto Nunes)

O autor da *Odisséia* utiliza o próprio Aquiles para apresentar uma visão da morte totalmente diversa da que encontramos na *Iliada*. Neste poema, a morte era um acontecimento necessário para atingir a glória; na *Odisséia*, trata-se de uma condição mesquinha, em que as imagens vagantes repetem indefinidamente as angústias e os ressentimentos dos vivos. A morte não introduz uma visão diferente sobre a vida, mas reproduz mecanicamente seus acontecimentos. O inferno homérico caracteriza-se pela ausência de transcendência e pela pequenez.

Difícil não lembrar aqui outro diálogo, mantido também no mundo dos mortos, que altera de maneira ainda mais impressionante os valores heróicos da *Iliada*. Refiro-me à passagem da segunda *Nékuia* (*Odisséia* 24, 196-202), em que Agamêmnon louva, para Ulisses, a virtude de Penélope. O que causa perplexidade no leitor que tem em mente a *Iliada*, não é tanto o elogio, quanto a terminologia empregada pelo rei micênico. Agamêmnon prevê que o *kléos* (“glória”) da esposa de Ulisses tornar-se-á tema das canções futuras! Da perspectiva do líder morto, *kléos* perde sua dimensão heróica, vale dizer, deixa de ser um ideal exclusivamente militar, para definir um traço de caráter feminino. Mais do que isso: da perspectiva do líder grego, os aedos não se limitariam aos feitos militares, mas incluiriam em seus cantos o tema da mulher virtuosa.

Gabriel Germain apontou o lugar central que a *Nékuia* ocupa na estrutura da *Odisséia*³: há seis episódios antes da *Nékuia*, número que se repete depois que Ulisses retoma sua viagem para Ítaca. Não à toa, o episódio seguinte será o das Sereias, cujo canto fascinante assemelha-se à própria *Iliada* (*Od.* 12, 189-90). A opção saudosista de se deixar seduzir por esse poema resultaria na morte de Ulisses, que prefere a incerteza do futuro à redundância do passado. No canto 11, o caráter dramático da perda permite entrever a fragilidade humana, demasiadamente humana. A morte deixa de ser um acontecimento heróico.

Os versos que Haroldo de Campos traduziu da *Nékuia* coincidem com a passagem incluída por Ezra Pound no canto 1 dos *Cantos*, embora o poeta norte-americano tenha feito sua versão a partir da tradução latina (1538) de

3. *Genèse de L'Odyssee*, Paris, 1954, p. 333.

Andreas Divus Justinopolitanus. Com a presente publicação, o leitor terá oportunidade de reler com outros olhos o canto introdutório poundiano, pois, se não estou enganado, em sua tradução da *Nékuia*, Haroldo de Campos dialoga não só com o original em inglês, como com a tradução que fez com Augusto de Campos e Décio Pignatari do poema de Ezra Pound⁴. Esse diálogo com sua própria dicção a partir de outra tradução do mesmo episódio de fontes diferentes evidencia-se, por exemplo, na famosa fala de Elpénor (Elpenor, na versão brasileira dos *Cantos*):

Não fique eu para trás, sem pranto, sem jazigo,
ao léu enquanto a nau navega para longe;
não chames sobre ti a cólera dos deuses.
Ao fogo os meus despojos, armas, o que é meu.
Ergue-me a tumba às orlas da grisalha escuma:
Um homem sem fortuna, no futuro um nome,
e planta nela o remo que entre os meus vibrei.

(*Odisséia* 11, 72-78, trad. de Haroldo de Campos)

Tunc te postea Rex iubeo recordari mei
Ne me infletum, insepultum, abiens retro, relinquis
Separatus, ne deorum ira fiam
Sed me combure com armis quaecunque mihi sunt,
Sepulchramque mihi accumula cani in litore maris,
Viri infelicis, et cuius apud posteros fama sit:
Haecque mihi perfice, figeque in sepulchro remum,
Quo et vivus remigabam existens cum meis sociis.

(*Odisséia* 11, 71-78, trad. de Andreas Divus)

But thou, O King, I bid remember me, unwept, unburied,
Heap up mine arms, be tomb by sea-board, and inscribed:
A man of no fortune, and with a name to come.
And set my oar up, that I swung mid fellows.

(*The Cantos*, 1, Ezra Pound)

4. *Ezra Pound, Poesia*, Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari, J. L. Grünewald, Mário Faustino (tradutores), Hucitec, 1985².

Porém a ti, ó Rei, suplico: sem manto, sem pranto, recorda-me,
Reúne minhas armas num sepulcro junto ao mar, e grava:
Um homem sem fortuna e um nome por fazer.
E ergue nele o remo, que usei entre os amigos.

(*Cantares*, 1, Ezra Pound, trad. de Augusto e
Haroldo de Campos e Décio Pignatari)